

A busca pelo Graal nos escritos de Otto Rahn: do entusiasmo pseudo-historiográfico à ideologia nazista

The Grail Search in Otto Rahn's Works: From Pseudo-Historiographic Enthusiasm to Nazi Ideology

Daniele Gallindo-Gonçalves¹



Resumo: O Graal e suas propriedades mágicas e a ideologia da raça: é no encontro desses dois espaços que está a obra de Otto Rahn. Para uns, dentro de um universo de idealizações, o Indiana Jones alemão, para outros, no campo da deslegitimação, o nazista lunático. Em realidade, um indivíduo de seu tempo. Esse artigo busca compreender as construções narrativas em torno do Graal e a ideologia nazista nas duas obras de Otto Rahn, a saber, *Kreuzzug gegen den Gral: Die Geschichte der Albigenser* (1933) (*Cruzada contra o Graal. Grandeza e queda dos Albigenses*) e *Luzifers Hofgesind: eine Reise zu den guten Geistern Europas* (1937) (*A corte de Lúcifer: Viagem ao coração da mais alta espiritualidade europeia*), tendo como ponto de contato a circulação de imagens acerca do Graal (via *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach e *Parsifal*, de Richard Wagner) durante a década de 1930 na Alemanha. Analisar-se-á, portanto, a instrumentalização do Graal nas obras de Rahn.

Palavras-chave: Graal; Otto Rahn; Mitificação; Nacionalsocialismo; Recepção da idade média.

Abstract: The Grail and its magical properties and the ideology of race: it is in the meeting of those two spaces that the work of Otto Rahn is found. For some, into a universe of idealizations, the German Indiana Jones, for others, in the field of delegitimation, the lunatic Nazi. In fact, an individual of his time. This article aims to understand the narrative constructions around the Grail and the Nazi ideology in Otto Rahn's two works, namely *Kreuzzug gegen den Gral: Die Geschichte der Albigenser* (1933) (*Crusade Against the Grail: The Struggle between the Cathars, the Templars, and the Church of Rome*) and *Luzifers Hofgesind: eine Reise zu den guten Geistern Europas* (1937) (*Lucifer's Court: A Heretic's Journey in Search of the Light Bringers*), having as its point of contact the circulation of images about the Grail (via *Parzival*, by Wolfram von Eschenbach and *Parsifal*, by Richard Wagner) during the 1930s in Germany. The instrumentalization of the Grail in Rahn's works will be the focus of this analyses.

Keywords: Grail; Otto Rahn; Mitification; National socialism; Reception of the middle ages.



Novos templários ocupam espaços urbanos, presidentes conclamam novas cruzadas, extremistas clamam uma nova Idade Média, fala-se em “feudalismo fiscal”... ainda que pareçam absurdos anacrônicos para medievalistas, os extremismos distintos veem usando cada vez mais do medievo para justificar seus *modus operandi*. Não se trata, contudo, de um fenômeno novo, ainda que repaginado. O potencial de usos políticos da dita Idade Média vem sendo campo de disputa entre senso comum e pesquisa acadêmica: para Kaufman e Sturtevant (2020), há um processo de armamento da História, para Wollenberg (2018), o passado está desperto. Para pensar essas falsificações, reconstruções, difamações do medievo é necessário, além de um exercício de desmitificação das camadas que compõem esses discursos, um exercício comparativo entre as imagens que circulam em determinado período e suas apropriações.

Não é de hoje que publicações², séries de canais privados³, páginas de internet⁴ e jogos eletrônicos⁵ se ocupam com a temática da relação dos nazistas com o oculto. Inseridas em suas especificidades midiáticas, vendem teorias de conspiração e criam no público certezas através de novas roupagens míticas. Questões essas sobre as quais a historiografia ainda se debruça com certa cautela: os porquês e as formas com que a máquina de propaganda nazista (re) criou imagens míticas em prol de uma ideologia, principalmente, a racial, do sangue.

Neste sentido, o epíteto atribuído a Otto Rahn (1904-1939), em uma dessas publicações, de “O verdadeiro Indiana Jones” (GRADDON, 2013), já elucida em que campo pretendemos navegar nas linhas a seguir, isto é, tentar compreender a relação entre narrativa ficcional e narrativa histórica. Para tanto, centraremos nossa análise em duas obras de Rahn – *Kreuzzug gegen den Graal: Die Geschichte der Albigenser* (1933) (*Cruzada contra o Graal. Grandeza e queda dos Albingenses*) e *Luzifers Hofgesind: eine Reise zu den guten Geistern Europas* (1937) (*A corte de Lúcifer: Viagem ao coração da mais alta espiritualidade europeia*)⁶ – com a finalidade de elucidar os motivos que levaram o autor a construir um passado mítico via uma narrativa literária (*Parzival* de Wolfram von Eschenbach⁷) e o mito do Graal, bem como apontar quais foram as estratégias textuais empregadas pelo autor na construção desse passado mítico. Desta forma, não nos interessa o que é o Graal – o cálice sagrado, a pedra filosofal, o caldeirão de Ceridwen, das lendas celtas –, mas, sim, como se deu sua instrumentalização durante a década de 1930, tendo como foco a obra de Rahn. A principal hipótese sobre a qual esse artigo se desenvolve consiste na ideia de que as duas obras de Rahn indicam uma adaptação progressiva (porém, irregular) e com peculiaridades à ideologia



e mitologia política nazista. Nesse sentido, se a primeira obra aponta um cunho mais mítico (pseudo-historiográfico), a segunda ganha tons programáticos de acordo com a ideologia nazista do mito da raça: “O Ariano não é apenas um tipo dentre os demais, ele é o tipo no qual se apresenta [...] a potencia mítica, a natureza mãe de todos os tipos” (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 58)⁸.

Embora tenhamos datas de nascimento e morte do autor aqui pesquisado, grande parte de sua biografia é envolta em especulações e teorias conspiratórias (FRANZ, 2009, p. 492). Um dos poucos escritos dedicados à biografia de Rahn é o material produzido por Hans-Jürgen Lange, *Rahn und die Suche nach dem Graal, Biographien und Quellen* (1999), que embora traga contribuições interessantes para a compreensão da vida de Rahn, pouco explora suas obras. Hans Thomas Hakl sinaliza o fato de que a biografia organizada por Lange, além de corrigir os erros da biografia francesa escrita por Christian Bernadac (1978), apresenta fontes, até então, inéditas, por exemplo cartas e entrevistas com testemunhas que conheciam Rahn (HAKL, 1998, p. 79-80). Volker Mertens, por outro lado, embora reconheça a existência desse material, assevera que esse carece de caráter acadêmico (MERTENS, 2004, p. 276). Nessa mesma direção vão os comentários de Julia Strube ao afirmar que a obra de Lange é “útil, mas de qualidade oscilante”⁹ (STRUBE, 2012, p. 229).

A constatação de que Rahn é um aficionado pelo catarismo occitano, dá-se através da leitura de suas duas obras, e atesta-se o fato de que foi membro da SS pela documentação preservada no *Berlin Document Center/Bundesarchiv Potsdam*, dentre as quais se encontra o pedido de desligamento da SS realizado em 28 de fevereiro de 1939¹⁰ (LANGE, 1999, p. 200). Em março de 1939¹¹ é declarada publicamente sua morte “durante uma tempestade de neve nas montanhas”¹². Acidente, suicídio, assassinato? Aqui residem algumas das teorias sensacionalistas: para Lange, por exemplo, Rahn teria cometido suicídio por causa de sua orientação sexual (LANGE, 1999, p. 207); para outros autores, Rahn teria desaparecido e ressurgido como Rudolf Rahn (p. ex. BERNADAC, 1978, p. 195)¹³.

Isto posto, nossa análise estará baseada substancialmente nas obras de Rahn e seu contexto de produção e superficialmente em dados biográficos. Sobre as duas obras produzidas por Rahn, destacamos que, de acordo com Daniela Müller, *Cruzada contra o Graal* insere-se em uma tradição mais ampla de obras produzidas entre o século XIX e início do XX, que têm como objeto o catarismo: como é o caso de Ignaz von Döllinger (*Beiträge zur Sektengeschichte des Mittelalters*, 1889/90) e Alfred Rosenberg¹⁴ (*Mythus des 20. Jahrhunderts*,



1930) (MÜLLER, 1997, p. 431-433)¹⁵. Alfred Kurlander, ao discorrer sobre a segunda obra de Rahn – *A corte de Lúcifer* –, denomina esse período de “fim do século esotérico, Nova Era e revivalismo religioso-popular”¹⁶ (KURLANDER, 2017, p. 163). Tanto Müller quanto Kurlander apontam para o fato de que as obras de Rahn não são escritos isolados e nem propagam imagens inéditas em seu período.

Cruzada contra o Graal (1933): o entusiasmo pseudo-historiográfico¹⁷

Em 1940, Hermann Rauschning publica o livro *Gespräche mit Hitler*, o qual seria resultado de conversas entre o político e o líder do partido nazista realizadas entre os anos de 1932 e 1934. De acordo com Rauschning, Hitler teria atribuído o seguinte significado ao *Parsifal*:

Aliás, você deve entender o Parsifal de uma maneira diferente da que é comumente interpretada. [...] Não é a religião schopenhaueriana da compaixão cristã que é glorificada, mas o sangue puro e nobre, que uniu a irmandade dos sábios, com a finalidade de proteger e glorificar em sua pureza. [...] o sangue puro. Todos nós sofremos da mazela do sangue misto e degradado. [...] E que essa compaixão conheça apenas uma ação de deixar o doente morrer. A vida eterna concedida pelo Graal se aplica apenas aos verdadeiros puros, nobres!¹⁸ (RAUSCHNING, 2005, p. 215-216, tradução nossa).

O fragmento acima aponta para a associação entre a personagem wagneriana e questões referentes à pureza racial expressa na repetição dos vocábulos “rein” (puro), “adlig” (nobre) e “Blut” (sangue). O ato de compaixão para com os doentes através do deixar morrer também faz parte da noção de purificação da raça prevista pelos nacionais socialistas. A mesma ideia é repetida por Rahn em *A corte de Lucifer* no trecho em que exemplifica quem são os Aryas: “Esse nome significa “nobres e senhores”!” (RAHN, 2002, p. 146). Em sua análise acerca d’O mito ariano, Léon Poliakov argumenta em relação à visão wagneriana que “Só existia uma esperança de salvação: uma nova purificação, uma nova recepção do sangue sagrado, segundo os ritos do mistério de Parsifal, o redentor germânico” (POLIAKOV, 1974, p. 309).

Em anedota narrada por Hans Frank, Hitler teria afirmado, em uma viagem de trem conjunta em 1936, que a base de sua religião adviria de uma interpretação



particular do *Parsifal*. Fica claro no trecho a seguir a aversão ao culto das religiões cristãs, no geral, e a sobrevalorização da figura do herói, pois Hitler teria declarado:

Do Parsifal construo minha religião, culto de forma solene sem partidarismos teológicos. Com plano de base fraternal de amor verdadeiro sem encenação de humildade e tagarelice vazia. Sem aqueles capuzes e saias femininas nojentas. Somente sob vestes heroicas se pode servir a Deus¹⁹ (FRANK, 1955, p. 204, tradução nossa).

Embora ambos os trechos sejam considerados conversas fantasiosas, destacamos o potencial atribuído ao drama musical wagneriano – *Parsifal* – como um mito sanguíneo que já circulava na década de 30. É justamente nessa atmosfera que em 1933 a primeira obra de Rahn – *Kreuzzug gegen den Graal (Cruzada contra o Graal)* – é publicada pela Urban Verlag em Freiburg im Breisgau.

A estratégia narrativa básica utilizada por Rahn em *Cruzada contra o Graal* é a construção de uma relação direta entre literatura e história. Nesse entusiasmo, o autor delinea, apoiado no *Parzival* de Wolfram de Eschenbach, as bases de uma narrativa pseudo-histórica acerca do catarismo, pois como afirma Köhn “[...] o livro de Rahn quer ser mais do que uma interpretação histórica forçada do material literário”²⁰ (KÖHN, 1988, p. 297, tradução nossa). As personagens literárias correspondem aos atores históricos envolvidos no movimento cátaro francês: a genealogia de Parzival, por exemplo, é conectada à linhagem Trencavel (sul da França). Raymond Roger Trencavel (1186/87-1209) é igualado a Parzival, enquanto Esclarmonde de Foix (1151-1215) é Repanse de Schoye (a protetora do Graal, Pz 235,25-26); Raymond VII da casa de Toulouse é Gawan; já Kyot²¹ se torna o trovador francês Guiot de Provins (segunda metade do séc. XII-início do séc. XIII)²² e Anfortas é Raymond-Roger de Foix (1152-1223) (RAHN, 2000a, p. 64-68). Rahn também desenvolve uma base etimológica em suas explicações acerca da relação do Graal wolframiano e o Graal cátaro: o castelo graaliano *Munsalvaesche* seria o castelo de Montségur localizado na região do Midi, sudoeste da França; Minne (compreendida por Rahn como a igreja cátara) equivale a Mani (a pura doutrina); *Manichäer* seriam os *Minnesänger* (RAHN, 2000a, p. 57-58). Nesse sentido, a pesquisa dita “histórico-literária” (RAHN, 2000a, p. 65) de Rahn, comprometida em “contar

Daniele Gallindo-Gonçalves
A busca pelo Graal nos escritos de Otto
Rahn: do entusiasmo pseudo-histórico
à ideologia nazista



aos homens de hoje o que foi o martírio sofrido pelos heréticos Templários do Graal” (RAHN, 2000a, p. 24), baseia-se em duas premissas: 1. correspondência entre literatura e história e 2. comprovação etimológica. Em Rahn, “O Graal é um símbolo herético. Amaldiçoado pelos adoradores da cruz de Cristo, lançaram contra ele uma cruzada, a “guerra santa” da Cruz contra o Graal...” (RAHN, 2000a, p. 157).

Embora percebamos a recepção wagneriana nas falas atribuídos a Hitler (ainda que considerado o potencial anedótico), Rahn volta-se à releitura do texto wolframiano, visto que

[...] para Hitler o sangue armazenado no cálice do Graal não era o sangue de Cristo, mas obviamente o sangue nórdico, para Rahn, o Graal sempre permaneceu a pedra caída da coroa de Lúcifer, símbolo de um conhecimento místico mais profundo e, portanto, símbolo da minne, pois minne significa “lembrar”²³ (MÜLLER, 1997, p. 441, tradução nossa).

Não podemos deixar de salientar que também Rahn menciona o *Parsifal*. Na primeira edição da obra, vemos um trecho da partitura do drama musical Wagneriano bem como uma citação do *Lohengrin* de Wagner (“*In fernem Land, unnahbar euren Schritten, / Liegt eine Burg, die Montsalvat genannt...*” / “Num país longínquo, inacessível aos passos, / Ergue-se um burgo chamado Montsalvat”), que faz referência ao castelo do Graal.

Sven Friedrich assevera que “no sentido da ideologia racial nazista, o Graal surgiu como um apropriado símbolo positivo de culto para a utopia popular de uma nova religião do sangue puro”²⁴ (FRIEDRICH, 2008, p. 9, tradução nossa). Somente os puros de sangue alcançam o Graal, aqueles que foram escolhidos para tal. É nesse sentido, que Friedrich destaca a ligação feita por Wagner entre o mito do Graal e a questão da pureza do sangue; não só essa relação, mas também a conexão, tanto em Wolfram quanto em Wagner, dos cavaleiros do Graal com os templários. A ligação explícita com a questão do sangue somente surgirá em Rahn em sua segunda obra, visto que o livro *Cruzada contra o Graal* “foi escrito para os cátaros” (RAHN, 2000a, p. 23). Nessa primeira obra, Rahn afirma que “[Jesse universo occitano do amor supremo” é composto por “Crentes, Cavaleiros e Perfeitos. Os cavaleiros correspondiam aos Templários, os “Trevrizent” aos cátaros” (RAHN, 2000a, p. 67).

Esse entusiasmo acerca do Graal, como um mistério cátaro, não é de todo



compartilhada pelos contemporâneos do texto de Rahn. Para Ludwig Pfandl, em resenha ao *Literarische Welt* de setembro 1933, Rahn comete erros graves em sua tentativa de acoplar literatura e história e, por isso o livro não deveria ter sido escrito, pontuando, contudo, o entusiasmo do autor ao escrever sobre o tema. Conforme afirmado por Pfandl:

O livro de Rahn está completamente errado e seria melhor nunca ter sido escrito. Essa constatação é ainda mais lamentável, pois precisa ser feita em relação a um autor cuja devoção verdadeiramente entusiástica ao assunto é sem medida e sem limites e cujas habilidades de representação o tornam bastante adequado para tematizar tal matéria²⁵ (PFANDL, 1933, s. p., tradução nossa).

Ponto de vista semelhante é compartilhado por Ludwig Wolff em resenha ao *Zeitschrift für Romanische Philologie* 59 de 1939. Wolff destaca que Rahn negligencia toda uma tradição literária anterior à de Wolfram; o texto de Chrétien de Troyes por exemplo. Assim, Wolff afirma que:

R. não tenta de forma alguma estabelecer o conteúdo intrínseco do *Parzival* de Wolfram e dos outros poemas do Graal, e carece, estranhamente, da sensação de distância entre diferentes mundos espirituais e diferentes povos. [...] Mas é preciso advertir urgentemente os leigos, a quem o livro, sobretudo, com seu texto se volta (com uma extensa seção de notas científicas), para considerar as novas revelações sobre o Graal como resultados seguros da ciência. Até que ponto as memórias em relação aos cátaros se fundiram a posteriori com os motivos do Graal é outra questão²⁶ (WOLFF, 1939, p. 118, tradução nossa).

Entre mitificações apaixonadas e críticas severas percebemos uma utilização do passado como forma de reler o presente. Essa vinculação mitificada entre cavaleiros, arianos, salvadores, o Graal, também ganha destaque na cultura visual do período.

Na Figura 1, Hitler, representado como cavaleiro do Graal (WELZBACHER, 2013, p. 172), incorpora a ideia de salvação, o porta estandarte da nação, aquele capaz de restituir a glória perdida, cavalgando em nome do bem maior: o nacional-socialismo, aqui marcado na suástica estampada na bandeira. Em



entrevista ao *Zeit Online* em 20 de setembro de 2019, Matthias Egeler faz referência a essa imagem e associa a representação do *Führer* com a figura de Parsifal. Segundo Egeler, “Parece ter havido uma identificação de Hitler com Parsifal como o herói solitário, que tenta mudar o mundo com a bênção divina, ou, ao menos, a bênção da ‘providência’”²⁷ (EGELER, 2019, tradução nossa). Ou ainda apropriando-nos das palavras de Poliakov: “o redentor germânico” (POLIAKOV, 1974, p. 309).

Figura 1 - *Der Bannerträger* (c. 1934) de Hubert Lanzinger



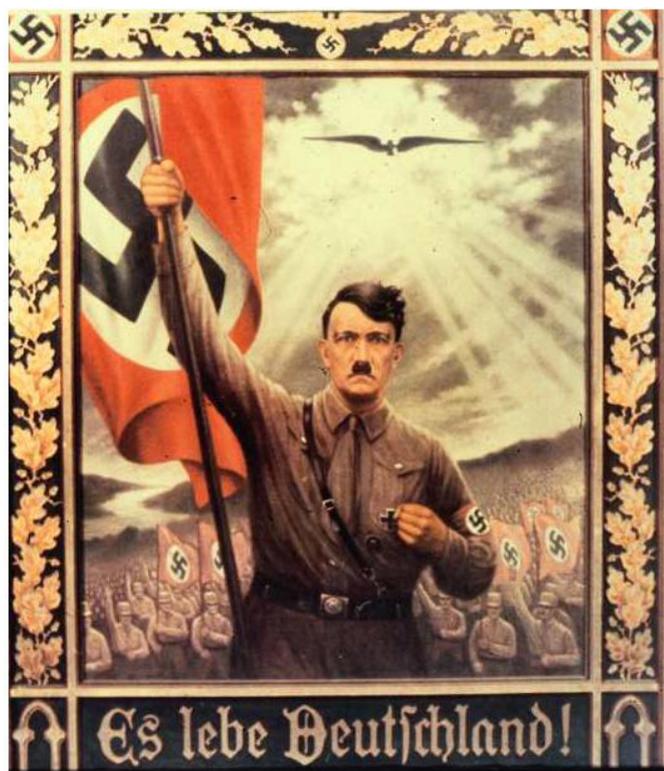
Fonte: Galleria d'Arte Thule.

Daniele Gallindo-Gonçalves
A busca pelo Graal nos escritos de Otto
Rahn: do entusiasmo pseudo-histórico
à ideologia nazista

Outra imagem importante para compreender como a associação entre Graal, *Parsifal* e Hitler era construída pode ser visualizada na Figura 2. O poster, datado do mesmo período do quadro da Figura 1, apresenta o *Führer* segurando um estandarte seguido de outros indivíduos trajando uniformes e, nas mãos, bandeiras nazistas. Além de ser o centro da imagem, Hitler é apresentado iluminado por raios solares e acima de sua cabeça voa um pássaro, uma águia – menção ao *Reich*, a qual, segundo William Kinderman, é representada de forma

estilizada, lembrando um avião militar (KINDERMAN, 2017, p. 417). Já para Hannes Lewalter, o pássaro seria uma representação do corvo de Odin, pois este “[...] serve, muito mais, como sinal de uma nova crença nas tradições pseudo-germânicas de uma mitologia histórica semi-religiosa”²⁸ (LEWALTER, 2010, p. 141, tradução nossa). Nessa sobreposição de leituras possíveis, não podemos deixar de mencionar, ainda, uma certa semelhança com a iconografia cristã referente ao Espírito Santo. A paisagem, atrás apresentada, relembra o vale do Reno e as folhas que circundam a gravura são de carvalho, árvore comumente vinculada à germanidade. Abaixo do poster lemos “Viva a Alemanha!” (“Es lebe Deutschland!”). Hitler aparece, assim, como o Messias, uma figura que traz a luz consigo, aquele capaz de salvar a pátria. Associada a outro conjunto de gravuras produzidas por Franz Stassen (Figura 3) para o drama musical wagneriano, Hitler assemelha-se à figura de Parsifal, que em Stassen porta uma lança no lugar do estandarte segurado pelo *Führer* (KINDERMAN, 2017, p. 417). Hitler, dirigindo o olhar para frente, empunha a mão de forma convocatória, enquanto Parsifal, ao olhar para cima, eleva-a aos céus.

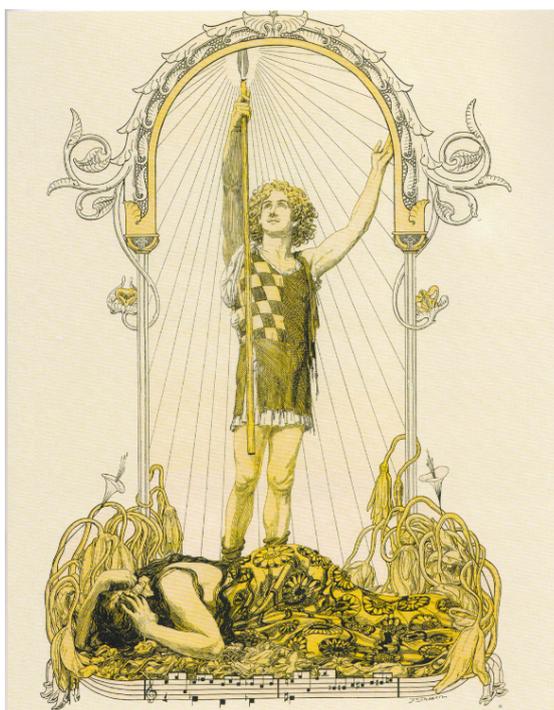
Figura 2 - *Es lebe Deutschland!* (c. 1935) de Karl Stauber



Fonte: Deutsches Pressemuseum.



Figura 3 - Parsifal segura a lança e aos seus pés Kundrie de Franz Stassen



Fonte: Stassen (1901).

Daniele Gallindo-Gonçalves
A busca pelo Graal nos escritos de Otto
Rahn: do entusiasmo pseudo-histórico
à ideologia nazista

Não é somente Hitler que será associado ao cavaleiro graaliano, mas também Rahn, que em sua obra, se estiliza como o cavaleiro; contudo, como cavaleiro wolframiano, aquele que será iniciado nos mistérios do Graal. Rahn afirma que Antonin Gadal²⁹ seria Trevrizent, o eremita, e, se ele próprio se deixou iniciar por Gadal, Rahn assemelha-se a Parzival (RAHN, 2000a, p. 20).

O exercício de comparação entre a recepção feita por Rahn e a potencial recepção do *Parsifal* por Hitler se fez necessário para compreendermos os discursos que circulavam no período acerca da obra medieval (ou de sua releitura wagneriana). Ainda que pareçam duas recepções distintas, ambas apontam para o potencial identificatório, gradativo no caso de Rahn, entre a obra *Parzival/Parsifal* e o mito da raça / sangue. Rahn adentra a SS pela atenção despertada em Himmler, visto que havia “afinidades profundas entre o Neo-catarismo de Rahn e a “crença germânica em Deus” de Himmler, pois ambos compartilham do pressuposto de uma continuação do culto celto-germânico na Idade Média cristã”³⁰ (KÖHN, 1988, p. 305, tradução nossa). A crença de Rahn vai além de sua primeira obra. Em *A Corte de Lucifer*, ele repete: “[...] apesar de Roma ter destruído todos os escritos cátaros, é indiscutível que o *Parzival* de Wolfram é



um poema inspirado no catarismo” (RAHN, 2002, p. 62).

A potência narrativa da construção mítica realizada por Rahn em sua obra e o florescente cenário que se estabelece com o nazismo fazem com que as ligações entre Graal, pureza de sangue e arianismo sejam levadas adiante em uma nova empreitada do autor – *Luzifers Hofgesind (A Corte de Lúcifer)*. O mito do Graal como fomentador de ancestralidade, de oposição à Cristandade, de força vital e de pureza racial são toponímicos caros à nova obra de Rahn que surgirá de um contexto outro: Rahn adentrara o regime, primeiramente, como civil (1935) e, a posteriori, como SS-*Unterscharführer* (1935) (MÜLLER, 1997, p. 437).

A corte de Lúcifer (1937): a ideologia nazista

Se a primeira obra de Rahn pode ser lida como um texto pseudo-histórico – ou ainda nas palavras de Linse como “criptohistória”³¹ (LINSE, 2012, p. 547) –, visto que busca através de uma obra literária a ‘verdade’ sobre os cátaros, a segunda é apresentada como um diário de viagem. Nas palavras de Rahn:

Esse livro não era mais que um diário começado na Alemanha, continuado no Midi da França e concluído provisoriamente na Islândia. [...]. Suprimindo, completando ou sublinhando, compus o meu diário e reagrupei as páginas separadas para que a imagem por mim feita em espírito pudesse ser captada, compreendida e amada por outros além de mim (RAHN, 2002, p. 33).

Todavia, *A Corte de Lucifer* vai além do relato de viagem. A obra pode ser pensada como uma tentativa de celebrar uma ‘religião do Graal’.

Em sua dedicatória, o autor volta-se aos seus camaradas, uma vez que “Rahn, como membro da equipe pessoal do *Reichsführers-SS*, queria anunciar sua afiliação à ‘Academia’ de Himmler”³² (KÖHN, 1988, p. 302, tradução nossa). Além da conexão realizada pela dedicatória ao regime nazista, encontramos outra menção importante a essa obra no *SS-Leitheft* 3 de 07 de maio de 1937.

Neste livro, Rahn fala da comovente crença de vida daqueles homens nórdicos que, perseguidos e caçados pelos cães farejadores romanos, fugiram para a solidão, para os Pirineus, para lá poder viver a sua fé iluminada. Os resultados das pesquisas de Rahn são chocantes. Lúcifer, que já foi o portador da luz da humanidade ariana, é transformado no diabo! As grandes personalidades de

Daniele Gallindo-Gonçalves
A busca pelo Graal nos escritos de Otto
Rahn: do entusiasmo pseudo-historiográfico
à ideologia nazista



luz do mundo nórdico são banidas para o universo sombrio dos demônios. O livro de Rahn, além de ser uma leitura interessante e nova, conduz ao resgate da profunda crença de vida de nossos ancestrais. Não é leitura para o outro mundo, é, no melhor sentido, um manual de guerra para homens que buscam justificar ‘de onde’ e ‘para onde’ de seus caminhos⁵³ (MÜLLER, 1997, p. 438, tradução nossa).

No trecho acima, percebemos o quanto a escrita de Rahn vai ao encontro de alguns *topoi* nazistas, isto é, a questão da raça nórdica, ariana e superior por sua ancestralidade. A estratégia narrativa básica, em *A Corte de Lucifer*, ainda que vinculada ao *Parzival*, se dá através da relação criada entre Lucifer (“portador de luz”, RAHN, 2002, p. 58), a noção de herança ancestral e a pureza de sangue. Essas construções encontram eco na forma da suástica, pois, de acordo com autor, essa é “símbolo imemorial do sol e da salvação” (RAHN, 2002, p. 64).

Imerso na defesa do difamado Lucibel pelos judeus e papistas (RAHN, 2002, p. 58) e no resgate da ‘verdadeira’ história dos cátaros, Rahn se coloca como depositário de uma tradição remota ao apresentar pagãos e hereges como seus antepassados (RAHN, 2002, p. 59) e, também, ao afirmar que “Vim ao mundo, pois, na órbita do Graal. Parzival, Siegfried e Odin-Wotan são meus padrinhos” (RAHN, 2002, p. 150)⁵⁴. Toda essa ancestralidade constrói a legitimidade necessária para que Rahn possa falar dos seus pelos laços sanguíneos que os unem. Nesse sentido, a imagem da supremacia de raça sobre as demais é justificada pelo “vínculo espiritual”⁵⁵, pois como afirmado em *A corte de Lucifer*:

Na origem a raça é indissociável do poder dos deuses, aos quais os seus membros estão intimamente ligados. Este vínculo espiritual condiciona os laços do sangue e, em princípio, confere a um povo a suprema aspiração de se constituir como uma unidade (RAHN, 2002, p. 228-229).

A unidade formulada no trecho acima só seria possível, na visão de Rahn, quando “[...] a Europa [estivesse] livre de toda a mitologia judaica [...]” (RAHN, 2002, p. 106). Essa mesma concepção pode ser vista na entrada de 19/08/1934 do diário de Rosenberg, na qual ele afirma: “[...] o ‘credo’ niceno segue se esfacelando, realmente está mais do que na hora de terminar de vez com essa palhaçada a fim de ser possível respirar novamente o ar puro europeu”



(MATTHÄUS; BAJOHR, 2017, p. 159). E ainda a afirmação de que “[...] nos espaços não ecoarão mais quaisquer palavras de ‘profetas’ judaicos nem canções de Jeová”. (MATTHÄUS; BAJOHR, 2017, p. 170).

De acordo com Rahn, a unidade só é possível através da chamada ‘Corte de Lucifer’, ou seja, “os seres humanos de sangue nórdico [...] os que não imploram ao Céu, mas que procuram corajosamente lá entrar por terem feito o que era humanamente possível fazer para merecerem ser divinizados” (RAHN, 2002, p. 97-98). Aqueles de sangue nórdico são para o autor os puros, como se pode depreender do trecho a seguir:

Nem os Parsis, nem os arianos nem nós, cátaros, traímos o nosso sangue. [...] Se partes em demanda do Graal, é a pedra sagrada dos Parsis, o Grhal, que buscas. Só aquele que já é conhecido no céu poderá ter acesso ao Graal. Leste tudo de Wolfram von Eschenbach. O nosso céu não é o céu de Jerusalém ou de Roma. O nosso céu fala apenas aos Puros, isto é, aos que não são escravos nem criaturas da espécie inferior ou mestiçada: os Aryas. Esse nome significa “nobres e senhores”! (RAHN, 2002, p. 146)

O Graal é, pois, o bem maior a ser alcançado pelos Aryas, os puros; aqueles que se mantiveram fiéis ao sangue. Isto posto, notamos que há em *A corte de Lúcifer* “um agravamento racista de ideias esotéricas”³⁶ (MÜLLER, 1997, p. 441, tradução nossa).

Para Nicholas Goodrick-Clarke, o fator principal da junção entre as concepções de Rahn, Weisthor e Himmler reside na crença de que “uma chave secreta para a antiga cultura pagã poderia ser encontrada no presente”³⁷ (GOODRICK-CLARKE, 2004, p. 189, tradução nossa). Entretanto, Müller aponta algumas diferenciações primordiais entre as concepções de Rahn e Hitler e Himmler:

[...] no entanto, se tanto para Hitler quanto para Himmler as principais características da raça nórdica eram o impulso germânico de conquista, a constante disponibilidade à luta e a dureza desumana, para Rahn os membros do sangue nórdico estavam unidos em uma comunidade da *minne*, com as marcas da conexão mística com o clã e com a natureza, cujo deus tinha sido “brilhante, luz e cavalheiresco”³⁸ (MÜLLER, 1997, p. 441, tradução nossa).



Apesar das diferenciações estabelecidas entre as percepções religiosas dos membros nazistas, “todos concordaram mais amplamente acerca da necessidade de encontrar um autêntico substituto ario-germânico para o cristianismo”³⁹ (KURLANDER, 2017, p. 172, tradução nossa). Conforme afirmado por Christopher Dawson:

[N]ão é que o movimento nazi seja anti-religioso. O perigo é antes o de ter uma religião própria que não é a da ortodoxia cristã. Esta religião não tem o carácter dogmático do credo comunista, é uma coisa fluida e incoerente que se expressa em diferentes formas. Há o neo-paganismo do elemento pan-germânico extremo, há o cristianismo arianizado e nacionalizado dos cristãos alemães, e há o idealismo racial e nacionalista que é característica do movimento como um todo, e que, se é não religioso em sentido estrito, tende a desenvolver uma mitologia e uma ética próprias que podem facilmente tomar o lugar da teologia cristã e da ética cristã⁴⁰ (DAWSON, 1934, p. 8).

É nesse sentido que podemos ler *A corte de Lúcifer*: como uma tentativa narrativa de estabelecer as conexões necessárias para justificar as bases de uma religião propriamente germânica e relacionada a políticas de sangue. Trata-se de uma agenda de cunho místico fomentada por indivíduos como Alfred Rosenberg e Heinrich Himmler, da qual Hitler procura, publicamente, se desvincular ao afirmar em 06 de setembro de 1938 que: “O nacional-socialismo não é um movimento de culto, mas sim uma doutrina político-popular madura proveniente de conhecimentos estritamente raciais. Não há qualquer culto místico em seu sentido, mas o cuidado e a orientação do povo, definido e delimitado pelo sangue” (HITLER, 1938, tradução nossa)⁴¹. Essa tentativa de distanciamento da noção de culto místico implica colocar o nacional-socialismo dentro do campo daquilo que deve ser considerado em sua seriedade e retirar, assim, a aura de ocultismo que paira sobre o regime. Isso confirma-se ao afirmar que pesquisadores ocultistas não devem ser tolerados dentro do movimento, mencionando inclusive não fazer parte do programa “a ancestralidade secreta, mas o conhecimento claro e, portanto, a confissão pública”⁴². Desta maneira, Hitler atribuí à *Ahnenerbe* um caráter científico e aos seus membros, por extensão, o caráter de pesquisadores. Reivindicar o status de ciência a um movimento de cunho majoritariamente mítico é, portanto, uma forma de construir a legitimidade da noção de raça dentro do regime: “[...]”



mediante a totalização e a politização do Todo, a ciência” (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 26).

Se por um lado *A corte de Lucifer* parece reproduzir uma mentalidade corrente entre os nazistas, duas resenhas do período delineiam outras questões sobre o material. Karl Bornhausen (1937), em resenha ao *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, aponta para o fato de que, academicamente, há muitos erros no livro, contudo, ele seria bastante real, por refletir o modo de pensar da crença SS. Tratar-se-ia, portanto, de um excelente livro para garotos (para moleques). Na mesma direção vai a crítica de Jacques Breitenbucher (1938, p. 341, tradução nossa) ao *Books Abroad*, ao destacar que “o leitor médio achá-lo-á muito acadêmico, o acadêmico se oporá à quantidade considerável de ficção”⁴⁵.

Reflexões finais

O primeiro livro de Rahn, entendido como um entusiasmo proto-histórico, só chama a atenção de Himmler por esse coadunar com algumas das ideias nele apresentadas, visto que essas são produtos de concepções que já circulavam acerca da ligação graal e herança ancestral. A segunda obra de Rahn, ainda que dê sequência às questões apresentadas na primeira, enquadra-se na ideologia nazista trazendo novas conexões, principalmente aquelas baseadas na ideia da pureza do sangue já percebidas nas falas atribuídas a Hitler acerca do Graal na obra de Richard Wagner.

Revisitar o passado não é revisionismo; é um ato de vasculhar as fontes a procura desses vestígios do outrora, respeitando os limites por elas impostos. Revisionismo é uso indevido da fonte; é apagar o compromisso histórico. Revisionismo deveria ser encarado como crime, pois coloca na boca das testemunhas – as fontes – palavras que não pronunciaram. O jogo entre entusiasmo proto-histórico e nazismo se mostra, em Rahn, perigoso, pois as imagens criadas distorcem o passado ao criar um presentismo mítico baseado em ideologias raciais.

Em um momento em que se discutem questões relativas à utilidade e “relevância” das pesquisas na área de Humanas desenvolvidas no Brasil, o que ainda devemos responder é: porque analisar essas releituras, essas apropriações, é importante? A resposta é bem simples! Na condição de medievalistas, temos o dever de estar atentos a toda e qualquer instrumentalização desse passado, visto que elas ganham força e circulam como fatos dados, como verdades graças ao alcance das mídias sociais. Desconstruir senso comum e construir



saberes se tornou uma atividade cotidiana desse medievalismo digital, que vai às redes combativamente para desdizer o mau uso da Idade Média por grupos distintos. O passado pode ser perigoso se forjado nas mãos daqueles que não respeitam as fontes e manipulam aquilo que elas dizem. O que a análise crítica das obras de Rahn e a comparação com discursos do período acerca do *Parzival/Parsifal* nos mostram é que a apropriação ideológica de uma narrativa medieval, comprometida oras com uma agenda pessoal oras com a agenda de regimes políticos, é, acima de tudo, manipulação, deturpação e lixo tóxico (referência a GEARY, 2005), do qual precisamos nos desvincular.

Referências

ALLCHIN, Douglas. Pseudohistory and pseudoscience. *Science & Education*, [Genebra], v. 13, p. 179-195, 2004.

BERNADAC, Christian. *Le mystère Otto Rahn: du catharisme au nazisme*. Paris: France-Empire, 1978.

BORNHAUSEN, Karl. Review: *Zeitschrift für Theologie und Kirche, Neue Folge*, [S. l.], v. 18, n. 45, p. 287-288, 1937.

BREITENBUCHER, Jacques. Review: *Luzifers Hofgesind* by Otto Rahn. *Books Abroad*, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 341, 1938.

BRÜNNER, Thomas. *Das Ahnenerbe der SS*. Berlim: Lemo, 14 sep. 2007. Disponível em: <https://www.dhm.de/lemo/kapitel/ns-regime/innenpolitik/ahnenerbe>. Acesso em: 18 jan. 2019.

CHARNEY, Noah. Hitler's hunt for the Holy Grail and the Ghent altarpiece. *Daily Beast*, [S. l.], 11 jul. 2017. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/hitlers-hunt-for-the-holy-grail-and-the-ghent-altarpiece>. Acesso em: 03 jan. 2019.

DAWSON, Christopher. Religion and the totalitarian state. *The Criterion*, Belo Horizonte, v. 14 n. 34, p. 1-16, 1934.

ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Tradução de Ivo Barroso. 5. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

EGELER, Matthias. Heiliger Gral: „Jeder sieht im Gral, was er will“. [Entrevista cedida a] Christina Rietz. *Zeit Online*, [Berlim], v. 39, 2019. Disponível em: <https://www.zeit.de/2019/39/heiliger-gral-matthias-egeler/komplettansicht?print>.



Acesso em: 21 out. 2019.

FRANK, Hans. *Im Angesicht des Galgens: Deutung Hitlers und seiner Zeit auf Grund eigener Erlebnisse und Erkenntnisse*. 2. ed. Neuhaus: [s.n.], 1955.

FRANZ, Sandra. *Die Religion des Grals: Entwürfe arteigener Religiosität im Spektrum von völkischer Bewegung, Lebensreform, Okkultismus, Neuheidentum und Jugendbewegung (1871-1945)*. Schwalbach: Wochenschau, 2009.

FRIEDRICH, Sven. Der Gral unter dem Hakenkreuz - zur Bedeutung und Funktion des Grals-Symbols für die NS-Ideologie. In: FRIEDRICH, Sven (org.). *Wer ist der Gral? Geschichte und Wirkung eines Mythos*. Berlin: Deutscher Kunstverlag, 2008. p. 27-37. Disponível em: http://friedrich-bayreuth.info/data/documents/GralHakenkreuz_Ms.pdf . Acesso em: 3 jan.2019.

GADAL, Antonin. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://www.gadal-catharisme.org>. Acesso em: 2 jan.2020.

GEARY, Patrick J. *O mito das nações. a invenção do nacionalismo*. Tradução de Fábio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *The occult roots of Nazism: secret aryan cults and their influence on nazi ideology*. Londres: Tauris Parke Paperbacks, 2004.

GRADDON, Nigel. *Otto Rahn and the quest for the grail: the amazing life of the real "Indiana Jones"*. [Illinois]: Adventures Unlimited Press, 2013.

HAKL, Hans Thomas. Nationalsozialismus und Okkultismus. *ARIES*, [S. l.], v. 21, p. 63-97, 1998. Disponível em: <http://d.mp3vhs.de/B/A/A17.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

HITLER, Adolf. *Rede auf der Kulturtagung des Parteitages der NSDAP in Nürnberg*. Alexandria: World Future Fund, 6 set. 1938. Disponível em: <http://www.worldfuturefund.org/wffmaster/Reading/Hitler%20Speeches/Hitler%20on%20Art%201938.09.06%20G.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

KAUFMAN, Amy S.; STURTEVANT, Paul B. *The devil's historians: how modern extremists abuse the medieval past*. Toronto: University of Toronto Press, 2020.

KINDERMAN, William. Exploring the "temple of initiation" on Thomas Mann's magic mountain: wagnerian affinities and "politically suspect" music.



Monatshefte, Madison, v.109, n. 3, p. 404-429, 2017.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do terceiro reich*. Tradução de Miriam Bettina Paulina Oeslner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KÖHN, Rolf. Eine deutsche Mystifikation der Albigenser. Otto Rahns Kreuzzug gegen den Gral (1933). In: KÜHNEL, Jürgen *et al.* (org.). *Mittelalter-Rezeption III: gesammelte Vorträge des Salzburger Symposiums „Mittelalter, Massenmedien, neue Mythen“*. Göttingen: Kümmerle, 1988. p. 295-311.

KURLANDER, Eric. *Hitler's monster: a supernatural history of the Third Reich*. New Haven: Yale University Press, 2017.

LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LANGE, Hans-Jürgen. *Rahn und die Suche nach dem Gral: Biographien und Quellen*. Engerda: Arun, 1999.

LANZINGER, Hubert. *Der Bannenträger*. Galleria d'Arte Thule. Disponível em: <http://galleria.thule-italia.com/hubert-lanzinger/?lang=de>. Acesso em: 19 out. 2019.

LEWALTER, Hannes. *Der Kampf ist hart. Wir sind härter!:* die Darstellung deutscher Soldaten im Spiegel der Bildpropaganda beider Weltkriege und die Konstruktion des „neuen Helden“. 2010. Tese (Doutorado) - Fakultät für Philosophie und Geschichte da Eberhard-Karls-Universität zu Tübingen, Tübingen, 2010.

LINSE, Ulrich. Der Chiemsee-Goldkessel – ein völkisch-religiöses Kultobjekt aus der NS-Zeit? The State of the Affairs. In: PUSCHNER, Uwe; VOLLNHALS, Clemens (org.). *Die völkisch-religiöse Bewegung im Nationalsozialismus: Eine Beziehungs- und Konfliktgeschichte*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012. p. 527–568.

MATTHÄUS, Jürgen; BAJOHR, Frank (org.). *Os diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017.

MERTENS, Volker. *Der Gral: Mythos und Literatur*. Stuttgart: Philipp Reclam, 2004.

MÜLLER, Daniela. Otto Rahn und die Rezeption des Katharismus im Spiegel der nationalsozialistischen Propaganda. *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte, Germanistische Abteilung*, v. 14, p. 431-443, 1997.



OBITUÁRIO de Otto Rahn. *Völkische Beobachter*, Alemanha, 18 maio 1939. Disponível em: <http://otto-rahn.com/rahns-death-notice>. Acesso em: 3 jan. 2020.

OTTO RAHN MEMORIAL. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://otto-rahn.com/de>. Acesso em: 3 jan. 2019.

PFANDL, Ludwig. Review. *Die Literarische Welt*, Jahrgang, v. 9, n. 39, s. p., sep. 1933.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaios sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1974.

RAHN, Otto. [A renúncia de Rahn da carta da SS]. Destinatário: SS-obersturmführer. [S. l.], 25 fev. 1939. 1 carta. Disponível em: <http://otto-rahn.com/rahns-resignation-ss-letter>. Acesso em: 3 jan. 2020.

RAHN, Otto. *A corte de Lucifer: viagem ao coração da mais alta espiritualidade europeia*. Tradução de António Carlos Rangel. Lisboa: Hugin, 2002.

RAHN, Otto. *Cruzada contra o graal: grandeza e queda dos Albigenses*. Tradução de António Carlos Rangel. Lisboa: Hugin, 2000a.

RAHN, Otto. *Kreuzzug gegen den Gral: die Geschichte der Albigenser*. Engerda: Arun, 2000b.

RAHN, Otto. *Luzifers Hofgesind: eine Reise zu den guten Geistern Europas*. Dresden: Zeitenwende, 2004.

RAUSCHNING, Hermann. *Gespräche mit Hitler*. Wien: Europa Verlag, 2005.

RAVENS-CROFT, Trevor. *The spear of destiny: the occult power behind the spear which pierced the side of Christ*. Neville: Spearman Publishers, 1972. Disponível em: <https://archive.org/details/TheSpearOfDestinyByTrevorRavenscroftWithCover>. Acesso em: 3 jan. 2019.

ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts: eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unsere Zeit*. 146. ed. München: Hoheneichen Verlag, 1939.

SIM, Kevin. *Hitler's search for the Holy Grail*. UK: Maya Vision International, 57min, 1999. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0274552/>. Acessado em: 06 nov. 2020.



STANLEY, Richard. *The Secret Glory: The story of SS officer Otto Rahn and his search for the Holy Grail*. UK: Shadow Theatre Films, 90min, 2001. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0307431/>. Acessado em: 06 nov. 2020.

STASSEN, Franz. *Parsifal 15 Bilder zu Richard Wagner's Bühnenweihfestspiel*. 1901. Disponível em: <https://global.oup.com/us/companion.websites/9780195366921/plates/plate2/> Acesso em: 21 out. 2019.

STAUBER, Karl. "Es lebe Deutschland". Berlim: Deutsches Presse-museum, [1933]. Disponível em: <http://pressechronik1933.dpmu.de/ns-plakat-es-lebe-deutschland/>. Acesso em: 21 out. 2019.

STRUBE, Julia. Die Erfindung des esoterischen Nationalsozialismus im Zeichen der Schwarzen Sonne. *Zeitschrift für Religionswissenschaft*, [Berlim], v. 20, n. 2, p. 223-268, 2012.

TIETZ, Manfred. Guiot de Provins. In: LEXIKON des Mittelalters. Vol. IV. München: DTV, 2003. p. 1787.

VELEZ, Pedro. Constituição e religiosidade da/na ordem constitucional do império nacional-socialista. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Lisboa, v. 8, n. 1, maio/out. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/3036>. Acesso em: 18 jan. 2019.

VOGLER, Mike. *Hitler, Himmler und der Heilige Gral*. Dresden: s. ed, 2015.

WELZBACHER, Christian. Ordensburg und Völkermord: zur Kunst und Geschichtspolitik der SS. In: REUDENBACH, Bruno; STEINKAMP, Maike. *Mittelalterbilder im Nationalsozialismus*. Oldenbourg: Akademie, 2013. p. 171–186.

WOLFENSTEIN. Madison: id Software: Raven Software, 2009. 1 jogo eletrônico. Disponível em: <https://www.metacritic.com/game/pc/wolfenstein>. Acesso em: 18 jan. 2019.

WOLFENSTEIN: the old blood. Uppsala: MachineGames, 2015. 1 jogo eletrônico. Disponível em: <https://www.metacritic.com/game/pc/wolfenstein-the-old-blood>. Acesso em: 18 jan. 2019.

WOLFF, Ludwig. Review Otto Rahn, Kreuzzug gegen den Gral. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, v. 59, p. 115-118, 1939.



WOLFRAM VON ESCHENBACH. *Parzival*. Auf der Grundlage der Handschrift D. Organizado por Joachim Bumke. Tübingen: Max Niemeyer, 2008.

WOLLENBERG, Daniel. *Medieval Imagery in today's politics*. Leeds: Arc Humanities Press, 2018.

Notas

¹Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul. Doutora em *Germanistik/Ältere Deutsche Literatur* (Germanística/Literatura Alemã Antiga) pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg, Alemanha (2011). Membro do Zentrum für Mittelalterstudien (*Zemas*) da Otto-Friedrich-Universität Bamberg. O texto aqui apresentado é uma versão ampliada e revisada da palestra de abertura do evento V Jornada de Debates do Programa de Mestrado em Letras (PROMEL/UFSJ) em parceria com o Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos da História (LIEDH/UFRJ) “Engajamento em foco: língua, discursos históricos e representações sociais” em outubro de 2019.

²Cf. Ravenscroft (1972), Graddon (2013) ou ainda Vogler (2015). Otto Rahn é mencionado na obra de Umberto Eco, *O pêndulo de Foucault*, como “um brilhante oficial, [...], um Obersturmbannführer da SS que dedicou a vida a meditar com alto rigor sobre a natureza européia e ariana do Graal” (ECO, 2016, p. 154).

³Mencionamos como exemplos: Sim (1999) e Stanley (2001).

⁴Ver por exemplo: Charney (2017). Há inclusive uma página dedicada à vida e obra de Otto Rahn (OTTO RAHN MEMORIAL, 2019).

⁵Cf. Wolfenstein (2009) e Wolfenstein (2015).

⁶Como há edições em língua portuguesa das obras, optaremos por citar no corpo do texto as traduções dessas realizadas por António Carlos Rangel. Todavia, destacamos que as edições em língua portuguesa foram realizadas da versão francesa lançada logo a seguir e alterada em determinados trechos, principalmente nas notas de rodapés. Sendo assim, optamos pela leitura da obra em alemão e a tradução, em caso de compatibilidade, será da versão portuguesa.

⁷Alternaremos as grafias para lidar com obras diferentes: *Parzival* (1200-1210) refere-se à obra em médio-alto-alemão atribuída a Wolfram von Eschenbach; já *Parsifal* (1882) trata-se do drama musical de Richard Wagner. Ao longo desse artigo, ao citarmos o *Parzival* o faremos tendo como base a edição organizada por Joachim Bumke (Wolfram von Eschenbach, 2008); a partir daqui Pz nas citações.

⁸A base para compreensão de mito e ideologia encontra-se em Lacoue-Labarthe e Nancy (2002).

⁹No original: “[...] hilfreich, aber von schwankender Qualität”.

¹⁰Uma cópia da carta encontra-se disponível em Rahn (1939).

¹¹Na biografia elaborada por Lange, a notícia foi veiculada em 25 de maio de 1939 no jornal *Das Schwarze Korps* (LANGE, 1999, p. 201). Na página dedicada ao autor, o obituário é de 18 de maio de 1939 no *Völkische Beobachter* (OBITUÁRIO..., 1939).



¹²No original: “Bei einem Schneesturm in den Bergen”.

¹³Em *O pêndulo de Foucault* há a reverberação dessas especulações: “não quero dizer como e porque perdeu a vida em 1939, mas há quem afirme... bem, podemos nos esquecer do que aconteceu a Ingolf?” (ECO, 2016, p.154). Sobre o desaparecimento de Ingolf encontramos a seguinte menção: “Desaparecera, literalmente. [...] A polícia local telegrafara a Paris: desaparecido. Declaração de morte presuntiva.” (ECO; 2016, p. 140).

¹⁴A visão de uma nova religião para a Alemanha, que não mais se ligasse à Roma está presente também em trechos do diário de Rosenberg, como em: “O Cristianismo romano está construído sob medo e humilhação, o nacional-socialismo sobre coragem e orgulho” (MATTHÄUS; BAJOHR, 2017, p. 169).

¹⁵Sobre a relação com textos oriundos do universo francês cf. Linse (2012, p. 552-553).

¹⁶No original: “fin-de-siècle esoteric, New Age, and völkisch-religious revival”.

¹⁷O termo pseudo-história (*Pseudo-History*) pegamos de empréstimo de Allchin (2004, p. 186-187), que o define da seguinte forma: “O conceito de pseudo-história ressalta o papel da lição histórica implícita, mesmo quando muitos dos fatos básicos são confiáveis. O viés ou agenda também pode certamente ser filosófico ou cultural, nem sempre descaradamente ideológico. Ademais, a pseudo-história não precisa ser deliberada ou intencional, podendo ainda resultar de negligência ou até mesmo ingenuidade” (No original: “The concept of pseudohistory underscores the role of the implicit historical lesson, even when many of the basic facts are reliable. The bias or agenda may surely also be philosophical or cultural, not always blatantly ideological. Also, pseudohistory need not be deliberate or intentional. It may result from negligence or even naivety”).

¹⁸No original: “Sie müssen übrigens den Parsifal ganz anders verstehen, als er gemeinhin interpretiert wird. [...] Nicht die christliche Schopenhauersche Mitleidsreligion wird verherrlicht, sondern das reine, adelige Blut, das in seiner Reinheit zuhüten und zu verherrlichen, sich die Brüderschaft der Wissenden zusammengefunden hat. [...] das reine Blut. Wir alle leiden an dem Siechtum des gemischten, verdorbenen Blutes. [...] Und daß dieses Mitleid nur eine Handlung kennt, den Kranken sterben zu lassen. Das ewige Leben, das der Gral verleiht, gilt nur den wirklichen Reinen, Adligen!”

¹⁹No original: “Aus Parsifal baue ich mir meine Religion, Gottesdienst in feierlicher Form ohne theologisches Parteiengestänk. Mit einem brüderlichen Grundton der echten Liebe ohne Demutstheater und leeres Formelgeplapper. Ohne diese ekelhaften Kutten und Weiberröcke. Im Heldengewand allein kann man Gott dienen”.

²⁰No original: “Daß Rahns Buch mehr sein will als eine forcierte historische Ausdeutung des literarischen Stoffes”.

²¹Wolfram atribui a tradução para o francês de uma narrativa original à maestria do provençal Kyot (Pz 416, 20-30), que teria encontrado em Toledo uma primeira versão dessa obra em escrita pagã (Pz 453, 11-14). O próprio Kyot conheceria a obra de Chrétien de Troyes, mas esse não a teria narrado corretamente; a ponto de irritar aquele (Pz 827, 1-4).

²²Tietz aponta em sua análise para o fato de que tal tentativa de identificação entre as duas personagens falha (TIETZ, 2003, p. 1787).

²³No original: “Während für Hitler das im Gralskelch aufbewahrte Blut nicht das Blut



Christi, sondern offensichtlich das nordische Blut war), so blieb für Rahn der Gral immer der aus der Krone Luzifers gefallene Stein, Symbol eines tieferen, mystischen Wissens und damit Symbol der Minne, da Minne Erinnern“ heißt”.

²⁴No original: “[...] erschien der Gral im Sinne der NS-Rassenideologie [...] als geeignetes positives Kultsymbol für die völkische Utopie einer neuen Religion des reinen Blutes”.

²⁵No original: “Rahns Buch ist gründlich verfehlt und wäre besser nie geschrieben worden. Diese Feststellung ist umso mehr zu bedauern, als sie einem Autor gegenüber gemacht werden muß, dessen wahrhaft begeisterte Hingabe an sein Thema ohne Maß und Grenze ist und dessen darstellerische Fähigkeiten ihn recht wohl für geeignet erweisen, derartige Stoffe in Angriff zu nehmen”.

²⁶No original: “R. versucht es gar nicht, den Eigengehalt des Wolframschen Parzival und der anderen Gralsdichtungen festzustellen, und läßt in merkwürdiger Weise das Gefühl für den Abstand verschiedener geistiger Welten und verschiedener Völker vermissen. [...] Aber man muß den Laien, an den sich das Buch mit seinem Textteil vor allem wendet (dazu ein umfangreicher wissenschaftlicher Anmerkungsteil), dringend davor warnen, die neuen Gralsoffenbarungen als gesicherte Ergebnisse der Wissenschaft zu nehmen. Wie weit sich Erinnerungen an die Katharer nachträglich mit Gralsmotiven verschmolzen haben, ist eine andere Frage”.

²⁷No original: “Es scheint eine Identifizierung stattgefunden zu haben Hitlers mit Parsifal als dem einsamen Helden, der versucht, die Welt zu ändern, und das mit göttlichem Segen oder zumindest dem Segen der “Vorsehung”.”

²⁸No original: “dient vielmehr auch als Zeichen eines neuen Glaubens an pseudogermanische Traditionen einer halbreliösen Geschichtsmythologie”

²⁹Místico francês, dedicava-se ao estudo do catarismo no sul da França. Bem como acontece com Otto Rahn há uma página dedica à sua vida e obra cf. (GADAL, 2020).

³⁰No original: “tiefgehende Affinitäten zwischen Rahns Neo-Katharismus und Himmlers ‘germanischem Gottglauben’. Denn beide teilen die Voraussetzung von einem Fortleben des keltisch-germanischen Kultes im christlichen Mittelalter”.

³¹No original: “Krypto-Historie”

³²No original: “weil Rahn als Mitglied im Persönlichen Stab des Reichsführers-SS seine Zugehörigkeit zu Himmlers ‘Akademie’ kundtun wollte”.

³³No original: “In diesem Buche spricht Rahn von dem ergreifenden Lebensglauben jener nordischen Menschen, die sich, verfolgt und gehetzt von den Spürhunden Roms, in die Einsamkeit, in die Pyrenäen flüchteten, um dort ihrem lichten Glauben leben zu können. Erschütternd sind die Ergebnisse der Forschungen Rahns. Luzifer, einst der Lichtbringer der arischen Menschheit, wird zum Teufel gemacht! Die großen Lichtgestalten der nordischen Welt werden in das Schattenreich der Dämonen verbannt. Rahns Buch wird über eine interessante und neuartige Lektüre hinaus zur Ehrenrettung des tiefen Lebensglaubens unserer Ahnen. Es ist keine Lektüre für ‘Jenseitige’, es ist im besten Sinne ein Kampfbuch für Männer, die sich Rechenschaft über das Woher und Wohin ihres Weges zu geben haben”.

³⁴Em *LTI: A Linguagem do terceiro Reich*, Victor Klemperer afirma: “Tudo que fosse europeu procedia dos nórdicos, ou dos germanonórdicos, e todo elemento danoso ou ameaçador



provinha da Síria e da Palestina. Como não havia jeito de recusar as origens gregas e cristãs da cultura europeia, então os helenos e até mesmo Cristo tinham ancestrais germanonórdicos, com olhos azuis e cabelos louros. Tudo o que, no cristianismo, não estivesse de acordo nem com a ética nem com a doutrina do Estado nazista era suprimido como influência judaica, síria ou até romana” (KLEMPERER, 2009, p. 253-254).

³⁵Percebemos aqui ecos do conceito de *Rassenseele* de Alfred Rosenberg: “Mas os valores da alma racial, que são as forças motrizes por trás da nova imagem do mundo, não chegaram a constituir nem mesmo uma consciência viva. Alma, no entanto, significa raça vista de dentro. E, inversamente, a raça é o lado externo de uma alma” (“Aber die Werte der Rassenseele, die als treibende Mächte hinter dem neuen Weltbild stehen, sind noch nicht lebendiges Bewußtsein geworden. Seele aber bedeutet Rasse von innen gesehen. Und umgekehrt ist Rasse die Außenseite einer Seele”, ROSENBERG, 1939, p. 2). Denominamos essa relação de proximidade com o conceito rosenbergeriano de eco, pois se trata de uma hipótese, visto que a obra tinha muita circulação no período (o volume consultado data de 1939 e seria a 143-146 edição com tiragem de 733 000 exemplares). E como afirmado por Klemperer “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente” (KLEMPERER, 2009, p. 55).

³⁶No original: “eine rassistische Verschärfung esoterischer Ideen”.

³⁷No original: “a secret key to ancient pagan culture could be found in the present”.

³⁸No original: “[...] jedoch, wenn für Hitler wie auch für Himmler die Hauptcharakteristika der nordischen Rasse der germanische Eroberungstrieb, die ständige Kampfbereitschaft und die unmenschliche Härte waren, waren für Rahn die Angehörigen des nordischen Bluts in einer Minnegemeinschaft zusammengeschlossen, mit den Kennzeichen eher mystischer Verbundenheit mit der Sippe und der Natur, deren Gott „hell, licht und ritterlich“ gewesen war”.

³⁹No original: “they all agreed more broadly on the need to find an authentic Ario-Germanic substitute for Christianity”.

⁴⁰No original: “It is not that the Nazi movement is anti-religious. The danger is rather that it has a religion of its own which is not that of Christian orthodoxy. This religion has not the dogmatic character of the Communist creed, it is a fluid and incoherent thing which expresses itself in several different forms. There is the neo-paganism of the extreme pan-German element, there is the Aryanized and nationalized Christianity of the German Christians, and there is the racial and nationalistic idealism which is characteristic of the movement as a whole, and which, if not religious in the strict sense, tends to develop a mythology and ethic of its own that may easily take the place of Christian theology and Christian ethics” (tradução de VELEZ, 2017, p. 147).

⁴¹No original: “[...] der Nationalsozialismus ist eben keine kultische Bewegung, sondern eine aus ausschließlich rassistischen Erkenntnissen erwachsene völkisch-politische Lehre. In ihrem Sinn liegt kein mystischer Kult, sondern die Pflege und Führung des blutbestimmten und -bedingten Volkes” (HITLER, 1938).

⁴²No original: “das geheimnisvolle Ahnen, sondern das klare Erkennen und damit das offene Bekenntnis”. O termo *Ahnen* faria uma provável menção à *Ahnenerbe* (*Herança Ancestral*): sociedade atribuída a Heinrich Himmler. (BRÜNNER, 2007).



Daniele Gallindo-Gonçalves
A busca pelo Graal nos escritos de Otto
Rahn: do entusiasmo pseudo-histórico
à ideologia nazista

⁴⁵No original: “the average reader will find it too scholarly, the scholar will object to the considerable amount of fiction”.